

# Sem dinheiro novo, Brasil terá que captar US\$ 2,6 bi

Sem dinheiro novo dos bancos privados, a exemplo do que ocorreu em 1985, o Brasil precisará captar este ano US\$ 2,64 bilhões de fontes não-bancárias para efetuar as amortizações inadiáveis de US\$ 2,37 bilhões, independentemente do encaminhamento das negociações para o reescalonamento da dívida externa do País, inclusive US\$ 519 milhões ao Fundo Monetário Internacional (FMI), conforme as projeções entregues pelo Banco Central aos credores externos.

Segundo o Banco Central, o Brasil precisa captar os US\$ 2,64 bilhões de empréstimos junto a fontes não-bancárias e ainda dispor de US\$ 900 milhões de ingresso líquido de investimentos diretos para amortizar a parcela da dívida não-rolada, cobrir o déficit em conta-corrente de US\$ 600 milhões e ainda fechar o ano com superávit do balanço de pagamentos de também US\$ 600 milhões.

Com a detonação do Plano Baker, o Brasil poderá dispor de recursos adicionais — sobretudo do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) — aos US\$ 2,3 milhões estimados originalmente de créditos de organismos internacionais, agências governamentais, fornecedores e compradores, além de US\$ 336 milhões de operações diretas entre matrizes e subsidiárias de empresas multinacionais.

Por exemplo, do Banco Mundial, para este ano, o Brasil ainda trabalha com a hipótese de desembolso de apenas US\$ 900 milhões, com a contrapartida de amortização de US\$ 474 milhões de operações anteriores e ingresso líquido de somente US\$ 426 milhões. Do BID, o Banco Central prevê a liberação de US\$ 320 milhões para amortizar US\$ 131 milhões e dispor de US\$ 189 milhões líquidos. A partir da decisão do secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, de patrocinar a ampliação da capacidade de financiamento do Banco Mundial e do BID, o Brasil deve aumentar o número de projetos financiáveis por ambos organismos.

O esperado acordo com os bancos credores e a reativação interna da economia deverão favorecer também a elevação de créditos dos fornecedores e compradores (**suppliers and buyers credits**) do patamar previsto de US\$ 876 milhões, ao longo deste ano, incluídos US\$ 276 milhões a serem refinanciados.

Com a nova rolagem da dívida em negociação, as amortizações globais da dívida não passarão, este ano, de US\$ 2,37 bilhões — somente US\$ 194 milhões de empréstimos em moeda. Entre as parcelas mais expressivas a amortizar este ano, o Banco Central destaca: US\$ 519 milhões ao FMI, US\$ 661 milhões a outros organismos internacionais, US\$ 531 milhões a agências governamentais (US\$ 396 milhões de importação de trigo) e, US\$ 117 milhões de dívidas no âmbito do Clube de Paris) US\$ 150 milhões a credores não-bancários e US\$ 306 milhões de resgate do bônus brasileiros.